

Uma Arte Irrequieta

‘Bed’, Entelechy Arts

Um caso de estudo de arte participativa



François Matarasso

Tradução de Isabel Lucena

Apoio

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Agradecimentos:

David Slater, Rosie Wheatland, Gwen Sewell, Theresa Veith e a todos os que integram e colaboram com a Entelechy Arts Fotografia de capa Roswitha Chesher

'Bed', Entelechy Arts, Um caso de estudo de arte participativa

Publicado em 2018

www.arestlessart.com

Texto © 2018 François Matarasso e Isabel Lucena

Fotografia © Roswitha Chesher, David Slater, Entelechy Arts

O direito de François Matarasso e Isabel Lucena de serem identificados respetivamente como autor e tradutora do trabalho é assegurado ao abrigo do Copyright, Designs and Patents Act 1988.

As opiniões expressas neste caso de estudo são do autor e não refletem necessariamente as da Fundação Calouste Gulbenkian.

A distribuição deste trabalho é regulada nos termos da licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 4.0 Internacional. Pode copiar, distribuir, ou apresentar a versão digital deste trabalho desde que: atribua o trabalho ao autor; o trabalho não seja utilizado para fins comerciais; e não altere, transforme ou adicione ao trabalho.

Data de publicação 15 maio 2018

'BED', ENTELECHY ARTS

Atuar juntos

'Às vezes temos que arriscar o desconhecido. Mesmo não sabendo no que nos estamos a meter, temos que correr esse risco.'

Gwen Sewell, Entelechy Elders Company



Bristol, junho de 2016 (François Matarasso)

Uma cama enorme numa rua comercial da cidade de Bristol. Nela deitada, recostada em almofadas, encontra-se uma idosa de camisa de noite. Há pessoas a passar pela cena apressadamente, indiferentes ou porque lhes causa uma estranha sensação: não querem saber. Outras param, preocupadas. *A senhora está bem? Está alguém a cuidar de si? O que é que está a fazer aqui?* A idosa responde falando da sua vida. Os filhos que vivem longe, em Leeds. O bebé que lhe tiraram por não ser casada. As suas mágoas; o seu mundo. Memórias. Pede alguma coisa que está entalada nas roupas da cama. Fala sobre uma fotografia que segura nas mãos.

Acerca-se gente para ouvir. Entram na conversa. Falam sobre os pais com quem se preocupam, um vizinho idoso que não veem há dias; as suas perdas.

'Eu vivo só' diz alguém. 'Estou sozinho com estes dois cães, dia e noite. É uma solidão terrível. Se não se tem família, ninguém se apercebe e eu não tenho família. Fazer isto é uma ótima ideia. São os meus cães que me fazem seguir em frente. Se não fosse por eles, bom, já me tinha atirado da janela há muito tempo.'



Tudo isto é pessoal. Começa a desenvolver-se uma verdadeira conversa. E, juntamente, vai crescendo a percepção de não se estar perante um episódio da vida real. Mas o que é então — teatro? Todavia, é profundamente real, daquela forma intensa que a arte tem de exacerbar o que sentimos, mas não confessamos nem a nós próprios. Ou talvez seja um desmascarar da realidade. Verdadeiro e falso ao mesmo tempo.

Chegam duas pessoas e começam a falar sobre o que se está a passar. Explicam que é uma representação: teatro de rua. Têm panfletos sobre a companhia e sobre a questão da solidão na terceira idade, com contactos de organizações que podem dar apoio. As pessoas vão acenando em entendimento. Descontraem um pouco. Um por um, retomam as suas jornadas interrompidas e desaparecem rua abaixo. Mas já não são os mesmos. Irão recordar este estranho encontro. Alguns partem com a intenção de tomar uma atitude. *'Sabem que mais? Hoje à tarde vou visitar a minha avó. Não a vejo tanto quanto devia.'*

A senhora idosa recosta-se nas almofadas, só de novo, na rua. Alguém para. *'A senhora está bem?'*

Estar juntos

Estamos a falar de 'Bed' ('Cama'), um trabalho criado e desempenhado por atores não-profissionais da Entelechy Arts Elders' Company (a companhia de idosos da Entelechy Arts). As pessoas que desempenham as personagens da peça, Rose Wheatland, Thelma Hunte e outros, estrearam-se no teatro já numa idade avançada. Reformados, alguns enlutados, procuravam algo para fazer, um papel, uma maneira de fazer sentido da vida, encontraram-se a si próprios a essa idade.

Encontraram a Entelechy Arts, uma pequena organização de arte participativa sediada em Deptford, um bairro pobre do sudeste londrino.

A Entelechy desafia categorias. A sua base é o teatro, mas esta afirmação arrisca-se a passar uma impressão enganadora de uma organização cuja arte abarca uma diversidade de meios, formas e estéticas. Cabaret, chás dançantes, performances interativas, caixas de memórias, eventos sociais, arte ao vivo – são algumas das 'molduras' que a companhia tem usado para expor a sua imaginação em diferentes momentos. Liderada pelo seu fundador, David Slater, a pequena equipa da Entelechy Arts e uma rede de colaboradores, fazem arte com pessoas vulneráveis: portadores de deficiência e idosos. Consequentemente, a maior parte do trabalho que produzem é de caráter discreto e íntimo. *Workshops* e apresentações (sendo a distinção entre ambas bastante tênue) têm lugar em ambientes domésticos. O trabalho é experimental e experiencial, sempre em resposta à imaginação de quem está presente. O que se vai passar é incerto, como tal, as pessoas têm que ter confiança e paciência. O que se aplica também a quem está de fora, que pode ter dificuldade em compreender o que está a acontecer sob a superfície.



Sessão do 'Meet Me at the Albany', fevereiro de 2017 (Roswitha Chesher)

O coração da Entelechy é a relação (humana), uma ligação viva proporcionada e expressa pela arte. Mas não estamos a falar da 'estética relacional' da arte contemporânea. Os elementos – estéticos, práticos, intelectuais, narrativos, físicos, simbólicos e emocionais – que se fundem na composição de um trabalho, são aqui contribuídos por todos. A peça 'Bed' não foi concebida por um artista único. Foi tomando forma lentamente, através do ato regular de estar juntos num processo criativo partilhado.

'Tenho curiosidade sobre como desenvolver relações com outras pessoas de forma a que possam perder-se juntas e depois encontrar-se umas às outras – e encontrar uma parte ligeiramente diferente de si próprias na companhia de outros.'

David Slater

Este tipo de relação tem raízes na continuidade, no compromisso e na abertura. As pessoas falam com o coração porque o que dizem é importante e o tempo é escasso. Para a Entelechy, 'vulnerável' não é um rótulo: é um facto da vida e da morte. Quando a companhia de idosos viaja, todos têm consciência de que o esforço pode ser demasiado. A idade e a fragilidade são reais. O grupo tem tido que fazer os seus rituais de homenagem a membros que perdeu. O trabalho continua, não apesar dos riscos que se correm: por causa deles.

Criar juntos



Dundee, outubro de 2017

Por vezes, o trabalho criativo produzido em centros comunitários e lares de idosos requer uma plateia mais vasta. Há algo que se quer comunicar de forma mais alargada, assim, ideias que foram desenvolvidas em *workshops*, aparecem projetadas no espaço público. 'Bed' é uma delas. A peça, oficialmente estreada num festival de teatro de rua em 2016, evoluiu ao longo de 5 ou 6 anos até chegar à versão atual. Os idosos começaram por ganhar experiência de representação semi-improvisada no decorrer do festival Capital Age no South Bank, em Londres, onde envolviam os visitantes em conversas estruturadas. O grupo encontrava-se na altura a explorar o poder da atenção silenciosa na interação entre ator e público. A trabalhar com David Slater, começaram a investigar como ajudar as pessoas, primeiro a sentirem o espaço que os separa e depois, a escolherem se e como desejam entrar nele.

Essas ideias formais associaram-se à perceção dos idosos de serem invisíveis no mundo. A sua sensação era que a velhice os tinha apagado da consciência dos mais novos que, ao vê-los como pessoas sem interesse, não os viam de todo. Tinham consciência do fardo de solidão que esta invisibilidade colocava em milhões de pessoas, apesar de - ou talvez, exatamente por - as suas vidas terem sido enriquecidas pelas amizades e apoio que têm ao fazer parte da Entelechy Arts.

Por uns bons meses a companhia de idosos trabalhou essas ideias, partilhando as suas próprias experiências de vida e usando a cama como foco de conversa e reflexão. Gostavam do paradoxo de tratar esse espaço, íntimo para os humanos, como plataforma pública. Daí até decidirem usar a cama como palco foi um pequeno passo – levaram-na para o mercado de rua junto ao centro de artes comunitário onde habitualmente se juntam e muito rapidamente descobriram o quanto de perturbador isso podia ser. No espaço de uma hora tiveram que explicar à polícia e aos serviços sociais que estava tudo bem, que era teatro, e ninguém tinha sido mesmo abandonado na rua.



Deptford, setembro 2014 (Roswitha Chesher)

Quando dois adolescentes entraram no edifício para denunciar um crime, o grupo dramático começou a apreciar o poder do que tinha criado. Augusto Boal chamava a estas ações realizadas de forma não-declarada “Teatro Invisível”, no entanto, através dele os idosos tornaram-se de novo visíveis para os jovens. E, pensando bem, talvez a solidão a que tanta gente é abandonada seja realmente um tipo de crime.

‘Tem imenso impacto, não tem? É chocante.’

Membro do público

Crescer juntos

A companhia levou algum tempo a descobrir como tratar com sensibilidade a natureza confrontativa desta peça. Por um lado, perde muita da sua força se é apresentada como um espetáculo de teatro. Acostumámo-nos às coisas mais estranhas no espaço público, e chegamos a tornar-nos cínicos em resposta ao assalto performativo das empresas de publicidade e comunicação. Por outro lado, ninguém quer manipular e perturbar transeuntes que se deparam com uma senhora idosa deitada no meio da rua. As intervenções artísticas também podem levar ao cinismo.

Na prática, é principalmente aos atores que cabe a responsabilidade de gerir a forma como são recebidos. São eles, os artistas, que sabem o que se está a passar. Têm, como tal, que se manter em personagem e ao mesmo tempo reagir aos sentimentos de quem está a falar consigo ou, como numa dada ocasião, a rezar por umas melhoras milagrosas. Seria muito de pedir a atores profissionais. É admirável como pessoas que se tornaram artistas numa fase tão avançada da vida, conseguem negociar tão bem a delicadeza dessas situações. Mas, provavelmente, é *por* não serem pessoas contratadas para representar a experiência de outros que, na maior parte das vezes, o conseguem fazer na perfeição.

'Não temos um diploma a dizer que frequentámos uma escola de artes dramáticas, mas aqui, nesta comunidade, somos reconhecidos. Queremos ser lembrados.'

Gwen Sewell, Entelechy Elders Company



Deptford, setembro de 2014 (Roswitha Cheshier)

'Bed' demonstra que a arte participativa pode ser artisticamente forte e desestabilizadora, e que artistas não-profissionais podem ser inovadores, rigorosos e corajosos na sua criatividade. Demonstra também que quando as pessoas têm a oportunidade de fazer arte para si próprias, elas expandem a linguagem da arte e o que esta tem a dizer.

'No final de A Tempestade, quando todos se perdem numa ilha e depois se encontram, há uma frase que me persegue:" E todos nós, nós mesmos. Quando nenhum homem era seu próprio" A beleza de ser artista é poder criar-se um espaço que é parte de e à parte de, ao mesmo tempo.'

David Slater

Links

- Entelechy Arts [website](#)
- [Video](#) de 'Bed' em East Street, Brighton 15 maio 2016, encomenda de Without Walls, Brighton Festival e Winchester Hat Fair
- [Video](#) de 'Bed' em Bedminster, Bristol, 15 junho 2016, com comentários do público
- 'Bed' como parte do [\(B\)old Festival](#) do South Bank Centre, maio 2018
- [#BedTouring](#) no Twitter



'Comecei a fazer-lhe perguntas porque não tinha bem a certeza...é extraordinariamente intrigante...isto é uma história, é realidade, ou está aqui por um motivo específico?'

entelechartyarts.org #Bedtouring



'Apareceram uns panfletos na caixa do correio a convidar-nos para dar apoio a pessoas sós da nossa comunidade através de relações individualizadas. O meu companheiro queria fazê-lo, mas é uma daquelas coisas que vão ficando para trás. Eu acho fantástico.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



'Sabem que mais? Hoje à tarde vou visitar a minha avó. Não a vejo tanto quanto devia...'

entelechartyarts.org #Bedtouring



Comentários feitos no Twitter por pessoas que interagiram com os atores no decorrer de diversas apresentações de 'Bed' pela Entelechy Arts. (Tradução de Isabel Lucena)



'Achei comovente ela ser tão aberta acerca da sua vida pessoal. Estar ali deitada no meio da rua, é duma vulnerabilidade enorme. Mesmo sendo teatro, é uma demonstração de vulnerabilidade. O mais bonito é a coragem.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



'Isto dá para explorar imensas questões. Porque é dramático ver alguém deitado numa cama no meio da rua. O que é que isto quer dizer? Põe as pessoas a pensar.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



'Como é que eu descreveria a solidão? Pessoalmente, sinto-me como se estivesse numa bolha, num aquário de peixes.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



Comentários feitos no Twitter por pessoas que interagiram com os atores no decorrer de diversas apresentações de 'Bed' pela Entelechy Arts. (Tradução de Isabel Lucena)



'Quando vi a primeira cama: como é que ela veio aqui parar? Fiquei preocupada com ela. Mas foi muito interessante. Toda a gente parava. Todos a parar e a olhar.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



'Fazer isto é uma ótima ideia. São os meus cães que me fazem seguir em frente. Se não fosse por eles, bom, já me tinha atirado da janela há muito tempo.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



'Acho realmente fantástico. Fez-me ganhar o dia. Dei por mim a contar-lhe sobre a festa de aniversário dos doze anos da minha filha.'

entelechartyarts.org #Bedtouring



Comentários feitos no Twitter por pessoas que interagiram com os atores no decorrer de diversas apresentações de 'Bed' pela Entelechy Arts. (Tradução de Isabel Lucena)